

O POVO DE ABRANTES

Redacção e Administração—LARGO DO BARÃO DA BATALHA
 PROPRIEDADE:—EMPRESA DEMOCRÁTICA
 DIRECTOR E EDITOR—ARTHUR RIBEIRO LOPES
 Administrador e secretario—MANUEL LOPES VALENTE JUNIOR
 Comp. e Imp. Tip. Democrática de Tiago H. Morgado, L. do Pocinho—PORTALEGRE

Discurso proferido na grande e importante reunião do Partido Republicano Portuguez, que se realizou no dia 15 do corrente no Rocio ao Sul do Tejo, pelo cidadão Justo Dias Rosa da Paixão, Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal d'Abrantes

Exposto o fim desta reunião pelo nosso amigo e deputado dr. João Damas, cumpre-me também o dever de proferir algumas palavras atenta a minha qualidade de presidente da comissão executiva municipal acerca da eleição que se vai realizar no dia 5 de novembro.

Em primeiro lugar quero ponderar a esta numerosa assemblea, que constitue as forças vivas do concelho visto que além dos cargos officiais que todos os cidadãos presentes desempenham, representam também as diversas classes, quer sejam as do trabalho, da industria, do commercio e da agricultura, que nós estamos á frente de uma odiosa luta provocada pelas hostes monarchicas, que a todo o transe querem tomar mão da administração municipal e paroquial do concelho, e restaurar o antigo centralismo administrativo, isto é, convergir os melhoramentos na sede do concelho, e desprezar como antigamente as necessidades das freguezias rurais.

Indubitavelmente são estes os intuitos d'esse grupo, que para aí se formou com a característica chancela monarchica, para impôr uma lista que denominou *lista da cidade* como que já afrontando as aldeias do concelho com este titulo, que bem define e traduz as seus propósitos fins. Se porventura esse grupo quizesse alhear o município da influencia partidaria, o que lhe estava indicado era dar a essa lista o seu nome proprio—*lista do concelho*; e para harmonisar o titulo com os factos devia nela dar ingresso a todas as parcialidades po-

liticas, a todas as classes, inclusive a todos os homens de bem independentes das diversas freguezias. Mas tal não acontece, e pelo que vemos e sabemos, essa lista comprehende a maioria de candidatos da sede do concelho, e a sua composição é retintamente monarchica, além de 2 ou 3 republicanos que por despeito, odio ou teimosia, ingloriamente se associam a esse bando monarchico. Isto portanto representa um perigo para o concelho, e quicá para a Republica, porque sem duvida está-se travando uma guerra de reacionarios monarchicos contra o novo regimen. Alegam eles que a actual camara é incompetente, que nada tem feito consoante a melhoramentos locais, que é, enfim, uma camara de aldeões. Eu queria perguntar a esses inclitos luminares das antigas vereações monarchicas—que são os mesmos que veem agora á superação para combater a nossa lista—o que fizeram eles durante um periodo de 25 anos, ou seja desde a inauguração da elevação das aguas. Foi este incontestavelmente um dos melhoramentos de maior vulto para Abrantes, mas não foi ele devido á influencia municipal e sim aos esforços do extinto deputado Avelar Machado, que obteve do ministerio da guerra um grande subsidio, ou antes a quantia necessaria para a sua execução.

Construíram apenas o edificio das repartições publicas, que além da sua má construção, constituiu um ruinoso emprestimo, que por muitos anos nos ha de absorver uma grande quan-

titativo das receitas municipais.

O fornecimento da luz electrica se foi da iniciativa de um vereador que formou em plena camara uma sociedade para essa exploração gananciosa, não teria effeito se não recebesse também o beneplacito d'aquella deputado que até impôs a condição de ser igualmente illuminado o Rocio, que este vereador e seus consocios a todo o transe queriam repellar.

E é para notar que esse contrato foi feito á vontade dos empresarios que eram ao mesmo tempo vereadores, estipulando clausulas que não dão margem á municipalisação deste ramo de serviço, que bem desejavamos fazer, porque propositalmente retiraram essa faculdade ás futuras vereações. São hoje, meus senhores esse concessionario e os seus socios que nos fazem uma guerra de morte, porque ousamos beliscar-lhe no contrato das aguas, instalando como obra de justiça um marco fontenario nas Barreiras do Tejo, para dar de beber aos seus habitantes que quasi morriam á mingua d'agua, e isto porque elevavam mais uns miseros 3 metros cubicos d'agua diariamente, ou seja o gasto de mais alguns tocos de fachina! E' d'aí que vem esta guerra surda á camara, como também por Abrantes não ter sido durante este trienio contemplada com mais melhoramentos, visto que a nossa orientação tem sido prover de preferencia as necessidades das freguezias rurais que eles descuraram em proveito da sede do concelho.

Nós temos a consciencia tranquila que procedemos corretamente, e temos a completa certeza de que as freguezias comprehenderam o nosso gesto e a nossa boa vontade, porque distribuímos equitativamente as receitas municipais por essas aldeias que tinham o mesmo direito que a sede do concelho, visto que também contribuem para o seu municipio.

Mas além d'este rateio, nós criámos sete ou oito escolas; demos a assistência medica ás freguezias rurais cujos doentes pobres morriam á mingua dos socorros medicos; contratámos a illuminação electrica para Alferrarede, que se não tem sido executada é devido aos concessionarios que estão esperando o embaratecimento do material; demos subsidios para construções de escolas e cemiterios; construímos uns pequenos troços de estradas a macadam; abolimos a iniqua contribuição do trabalho ou *serviço-braçal*; melhorámos a situação do professorado aumentando-lhe 5\$00 mensais; adquirimos mobiliario das escolas; facultámos o internamento hospitalar aos doentes pobres e provimos ao fornecimento de subsistencias na venda de milho, trigo, farinha e assucar, etc.

Relativamente á defesa das regalias municipais, mantivemos sempre uma irreductivel linha de conduta, chegando a provocar uma lei ou portaria para que os carcereiros das cadeias sejam da nomeação das camaras, como seus funcionarios, e não pelos juizes de direito. Na ditadura de Pimenta de Castro tomámos a attitude que a

Constituição nos aconselhava, que foi a de repudiar os decretos ditatoriais e a de repellar a invasão do reduto municipal.

E fizemos tudo isto num periodo de anormalidade, no periodo da consolidação da Republica, no periodo constitutivo da patria portuguesa, com uma nova organização administrativa que nos absorve a maior parte de tempo, que nos trouxe uma complexidade e acrescimo de serviços para a camara, e portanto maior despesa, e assoberbados ainda com uma pavorosa crise economica, derivada do nosso estado de guerra e da grande conflagração europeia.

Eu queria, pois, perguntar, repito, a esses luminares, se eles fariam tanto e em tão pouco tempo numa epoca tão agitadissima, se eles fariam uma obra tão desinteressada e tão justa, se eles praticariam uma distribuição tão equitativa e tão escrupulosa dos creditos municipais!

Conjuguemos, portanto, todos os nossos esforços para que a administração local não vá parar ás mãos dessa horda monarchica, a fim de que as freguezias rurais continuem a ter a sua quota parte nos melhoramentos que de justiça lhes compete. E' necessario que todos trabalhemos para conjurar esse perigo embora nos sacrificemos. Eu sou por natureza avesso a exhibições espectaculosas e a vaidades pessoais, e por isso não desejo falar da minha pessoa, mas agora vem a talho de foice dizer-vos que, já farto e saturado da vida publica que ha 9 anos venho ocupando, eu mani-

feite ao nosso amigo de Damas o meu propósito de a abandonar por ter jus a algum descanso, e nessa intenção eu estava ainda ha um mez; mas logo que pairou no horizonte politico abrantino o negrume da espessa nuvem denunciando o perigo monarchico, eu corri pressuroso a avizal-o pondo-me assim implicitamente a seu lado, o que quer dizer que, na hipotese de ser eleito, vou sacrificar por mais 3 anos o meu bem estar, os meus interesses pessoais e talvez a minha saude, e tudo isto porque

sinto pulsar dentro do meu peito um coração de patriota, que quer bem á Republica e que a si mesmo impõe a obrigação civica de ser util ao seu país e ao seu concelho.

Outrotanto acontecerá a todos vós. Fazemos pois este sacrificio, porque nele irá o bem da administração concelhia e o bem da Republica, cuja implantação representa as mais justas e lidimas aspirações e o trabalho herculeo operado em dilatados anos pelos bons portugueses.

E terminando, permitam-

me que sem desconsideração para qualquer corporação ou colectividade aqui representada, en me dirija á junta de paróquia e comissão politica do Rocio, desta minha querida terra natal, baluarte da democracia, cujo republicanismo lhe creou fama em todo o país.

Eu quero dizer-lhes aqui publicamente que se entre a Camara e estas entidades colectivas houve em tempo um mal entendido, não foi ele motivado por quaisquer resentimentos pessoais ou politicos, mas sómente pelos modos diversos de ver

e na boa intenção de prestarmos serviços á nossa freguezia. Quero dizer-lhes, como representantes do povo e da politica rociense, que eu estou plenamente convencido que para conjurar o mal que nos ameaça, o Rocio não hesitará um só momento em responder como lhe cumpre, desfazendo com os seus conscienciosos sufragios as estultas pretensões dos reacionarios e monarchicos, afirmando mais uma vez a sua fé, o seu zelo e a sua dedicação á causa da Republica!

Igualmente temos a cer-

tessa que os povos das demais freguezias corresponderão ao belo desideratum de não deixar cair a administração municipal e paróquial nas garras dos monarchicos!

Viva a Republica!

Viva o povo do concelho de Abrantes!

O relato da reunião far-se-ha no nosso proximo numero.